

Panel 14: Complex Relationalities

1. Cynthia Huff, Illinois State U [cahuff@ilstu.edu]

The Autobiographical Pack

This paper seeks to revisit and revise the autobiographical pact in light of current work done on companion species, especially dogs, by emphasizing that Donna Haraway's foregrounding of becoming together and the importance of touch troubles Philippe Lejeune's foundational concept.

Lejeune postulates that the autobiographical pact presupposes that the name on the title page of a text matches the name of the author and, in so doing, assumes that the text is written and that the author is singularly constituted and human. But the co-constituting of canines and human beings as companion species call for a different theoretical approach to life narrative that will embody how co-constituting serves to get and have a life lived mutually as well as one which deemphasizes seeing in favor of the communicative touch that is central to the bond dogs and humans enjoy. The messiness of daily, tactile co-constituting challenges the distanced, looking at texts in ways that favors foregrounding mutual exchange via the touching of bodies, including their emissions, and zoe, the smallest form of life often considered as below the threshold of livable existence.

To get at companion species co-constituting, I purpose that we revision and revisit the archives of our daily lives with companion species to think about how touch and the exchange of zoe between and among species necessitate a rewriting of touchstone life experiences, such as birth or death, and the narratives within which we have traditionally encased them. To do so would challenge the stranglehold of the visual on autobiographical theory and practice but it would also mean a reconceptualizing of theoretical constructs such as Lejeune's autobiographical pact, which presupposes an easily negotiated correspondence among reader, author, and publisher with the reader's experience paramount. However, the theory of the autobiographical pack displaces the reader in favor of co-constituting so that the reader must renegotiate his relationship to the pack.

O bando autobiográfico

Este artigo busca visitar e revisar o pacto autobiográfico à luz de trabalhos recentes sobre espécies companheiras, especialmente cães, enfatizando o destaque de Donna Haraway em tornar-se juntos e a importância de tocar transtornos, conceito fundamental de Phillipe Lejeune.

Lejeune postula que o pacto autobiográfico pressupõe que o nome na folha de rosto de um texto corresponde ao nome do autor e, sendo assim, assume que o texto é escrito o autor é singularmente constituído e humano. Contudo, a coconstituição de caninos e seres humanos como espécies companheiras clamam por uma abordagem teórica diferente à escrita de vida que incorpora a maneira como a coconstituição serve para conseguir e viver uma vida mútua, bem como uma que reduz a ênfase no ver em favor do toque comunicativo que é central ao laço que humanos e cães aproveitam. A bagunça da coconstituição cotidiana e tátil desafia os distanciados, observando textos de maneiras que favorecem destacar a troca mútua via toque

entre corpos, incluindo suas emissões, e zoé, a menor forma de vida frequentemente considerada abaixo do limiar da existência viva.

Para chegar à coconstituição de espécies companheiras, proponho que revisemos e revisitemos os arquivos do cotidiano de nossas vidas com espécies companheiras para pensar sobre o quanto o toque e a troca de zoé entre e dentre espécies necessita que se reescrevam as experiências de vida padrão, tais quais nascimento e morte, e as narrativas dentre as quais temos tradicionalmente classificado-as. Para tanto, desafiaria a camisa de força do visual na teoria e prática autobiográfica, mas isto também significaria uma reconceituação dos construtos teóricos tais como o pacto autobiográfico de Lejeune, o qual pressupõe uma correspondência facilmente negociada entre leitor, autor e editora com a experiência indispensável do leitor. Entretanto, a teoria do bando autobiográfico desloca o leitor em benefício da coconstituição para que assim o leitor precise renegociar sua relação com o bando.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - oliveiralucasvictor@gmail.com]

Cynthia Huff, an English Studies Professor at Illinois State University, has recently published on animalographies, texts allegedly by and about non-human animals, as well as on diaries, Victorian literature and culture, and women's life writing. Her publications include *British Women's Diaries*, *Women's Life Writing and Imagined Communities*, and *Inscribing the Daily: Critical Essays on Women's Diaries*, co-edited with Suzanne Bunkers.

2. Emily Hipchen, U of West Georgia [emilyhipchen@gmail.com]

Geographies of Identity: Adoption Relationality and Bastard Nation

In her recent keynote address at the Conference for the Study of Adoption and Culture, Margaret Jacobs, a scholar of Indigeneity at the University of Nebraska-Lincoln, critiqued the geometry and materiality of the adoption triad in the context of our understanding of Native American adoption practice. In adoption studies, we speak of the triad as a triangle, on each point of which is an identity category—a person with a stake in the adoption: the birthmother, the child, and the adoptive parent or parents. Jacobs investigated transracial placements to tease out the ways in which this model fails, or rather the ways in which we can adjust the geography and construction of adoption identity to reflect actual practice. She proposed a many-pointed star whose points include not only the positions on the triad, but also tribal councils, the child's and the adoptive parents' extended families, social workers and bureaucrats, even the child's and his/her parents' ancestors. She implied strongly that non-bodies, like the physical geographies of the child's present and past, become identity points with influence in this model (the reservation, for instance, has an embodiment to which the child belongs, on which it might be situated, and whose geography influences placement decisions and the formation of the child's own identity).

In this presentation, I'd like to situate Jacob's model more largely in our discipline, specifically in the discourses of gendered relationality in identity construction outside Native American adoption practice. That is, I think of this work she's doing first as a much-needed revision to the triad-model in adoption studies generally and in understanding the generation of identity categories as/in adoption practice. Secondly, I want to investigate the model as the

construction of an embodied and gendered geography of particularly female adoptee identity in the space between “adoptee” and the bureaucracies that control access to their identity-papers (courts, registries, the INS, the FBI). I’ll be looking at life narratives represented on the website Bastard Nation about and by female adoptees and their experience with accessing their identifying data for the construction of a relational, intersectional identity: “female closed-records adoptee.”

Geografias da identidade: a relacionalidade da adoção e o ‘Bastard Nation’

Recentemente, em palestra para a Conference for the Study of Adoption and Culture [Conferência para o Estudo da Adoção e da Cultura, em tradução livre], Margaret Jacobs, pesquisadora da Universidade de Nebraska-Lincoln e estudiosa da indigeneidade, fez uma crítica à geometria e a materialidade da tríade da adoção no contexto da nossa compreensão da prática de adoção de índios americanos. Nos estudos sobre a adoção, fala-se da tríade como um triângulo cujas pontas representam categorias da identidade — cada parte interessada na adoção: a mãe biológica, a criança e os pais adotivos. Jacobs investigou colocações transraciais para desvendar as falhas desse modelo, ou melhor, os ajustes que podem ser feitos na geografia e na construção da identidade adotiva para que a prática real seja refletida. Ela propôs um leque de influências que incluem não só as posições na tríade, mas também conselhos tribais, os parentes da criança e dos pais adotivos, assistentes sociais e burocratas e até os ancestrais da criança e de seus pais. Ela sugeriu que não corpos, tais como as geografias físicas do presente e do passado da criança, se tornam influências nesse modelo (a reserva indígena, por exemplo, tem uma corporificação à qual pertence a criança, na qual pode ser situada e cuja geografia influencia a colocação da criança e a formação da sua identidade).

Nesta apresentação, gostaria de situar o modelo de Jacob de maneira mais ampla nesta disciplina, especificamente no que diz respeito aos discursos de gênero e relacionalidade na construção de identidades fora da prática de adoção de índios americanos. Isto é, para mim, o trabalho feito por ela é uma muito necessária revisão do modelo de tríade geralmente proposto pelos estudos da adoção e do entendimento da geração de categorias de identidade como (inserida na) prática de adoção. Em segundo lugar, quero investigar o modelo como construção de uma geografia corporificada e de gênero das identidades de meninas adotadas, particularmente, no espaço entre elas e as burocracias que controlam o acesso aos seus documentos de identidade (tribunais, cartórios, serviço de imigração, FBI). Considerarei narrativas de vida, representadas no site Bastard Nation, sobre mulheres adotadas e suas experiências de acesso aos próprios dados pessoais para construir uma identidade relacional e interseccional: “adotada em sigilo”.

[Traduzido por Beatriz Vital - vitalb@riseup.net]

Emily Hipchen is a Fulbright scholar, the editor of *Adoption & Culture*, and an editor of *a/b: Auto/Biography Studies*. She is also the author of a memoir, *Coming Apart Together: Fragments from an Adoption* (2005). She’s an editor of *Inhabiting La Patria: Identity, Agency, and Antojito in the Works of Julia Alvarez* (SUNY 2013) and of *The Routledge Auto/Biography Studies Reader* (2015); as well as an editor of four special issues, “Adoption Life Writing,” “Adoption Studies Research,” “Critique as a Signature Pedagogy,” and “What’s Next? The Futures of

Auto|Biography Studies.” Her essays, short stories, and poems have won multiple awards and have appeared in *Fourth Genre*, *Northwest Review*, *Cincinnati Review*, and elsewhere. She teaches creative nonfiction as a full professor at The University of West Georgia.

3. Andrea C. Valente, York U [valent10@yorku.ca]

Autobiographical Genre in the Age of Complexity: A Case Study of Neuro-Autobiographies

This presentation aims to explore the autobiographical genre under the lenses of an emergent interdisciplinary methodology known as ‘complexity theory’ (Waldrop 1992; Jörg 2011; Wells 2013) in order to provide new insights into non-linear interactions between an autobiographical ‘self’ and its environment. The autobiographical genre gained propulsion during the Enlightenment period as historical men influenced by Newtonian thinking recorded their life reflections and accomplishments (Kadar 1992; Anderson 2011). Since then, autobiographical genre has evolved, becoming more diverse and gendered, including ordinary people’s life stories and voices that are translated and (self)-narrated (Bruner 1987; Smith & Watson 2009). Moreover, the 21st century autobiographical accounts use a variety of media platforms, producing a ‘networked self’ (Jolly 2012) that designs narratives of performance that reverberates experiential stories, as nodes of relationality and intertextuality emerge organically in the public sphere. Hence, autobiographies become complex, undetermined, non-linear and flexible. In this view, I argue that autobiography shifts from a genre to a self-organization model with its sub-types featuring complexity and hybridity. As consequence, the autobiographical ‘self’ also becomes a complex entity. To illustrate this discussion, this presentation focuses on autobiographies of women with brain disorders, to which I use the term ‘neuro-autobiography’. I examine the case of Jill Bolte Taylor, a neuroscientist who survived a stroke as a young woman. She narrates and performs her story through different media formats such as a published autobiography and a TED Talk video in the internet. I study how the autobiographical self shifts into an agent category that becomes self-organized and interacts with other agents and actants, that is, humans and objects. Furthermore, I discuss interconnectivity and intertextuality as important nodes in a rhetorical ecology that allows the autobiographical agent to engage and act/react from within outward.

Anderson, Linda. *Autobiography*. 2nd ed. London and New York: Routledge, 2011. Print.

Bruner, Jerome. “Life as Narrative.” *Social Research* 54.1 (1987): 11–32. Print.

Jolly, Margareta. “Oral History, life history, life writing: The logic of convergence.” *Centre for Research in Memory, Narratives and Histories*. Brighton: University of Brighton, 2012. Online.

Jörg, Ton. *New Thinking in Complexity for the Social Sciences and Humanities: A Generative, Transdisciplinary Approach*. Dordrecht: Springer Science & Business Media B.V, 2011. Online.

Kadar, Marlene. “Coming to Terms: Life Writing - from Genre to Critical Practice.” *Essays on Life Writing from Genre to Critical Practice*. Ed. Marlene Kadar. Toronto, Ont.: University of Toronto Press, 1992. 3–16.

Smith and Watson. (2009) “New Genre, New Subjects: Women, Gender and Autobiography after 2000”. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*. 58; April 2009, pp. 13-40. Online.

Waldrop, M M. *Complexity: The Emerging Science at the Edge of Order and Chaos*. New York: Simon & Schuster, 1992. Print.

Wells, Jennifer. *Complexity and Sustainability*. London: Routledge, 2013. Print.

Gênero autobiográfico na idade da complexidade: um estudo de caso de neuroautobiografias

Esta apresentação objetiva explorar o gênero autobiográfico sob as lentes de uma emergente metodologia interdisciplinar conhecida como “teoria da complexidade” (Waldrop 1992; Jörg 2011; Wells 2013) para conceder novas ideias sobre interações não lineares entre um ser autobiográfico e seu ambiente.

O gênero autobiográfico ganhou propulsão durante o Iluminismo, uma vez que homens históricos influenciados pelo pensamento newtoniano registraram suas reflexões e conquistas na vida (Kadar 1992; Anderson 2011). Desde então, o gênero autobiográfico tem evoluído, tornando-se mais diverso em gênero, incluindo histórias de vida de pessoas comuns e vozes que são traduzidas e (auto)narradas (Bruner 1987; Smith & Watson 2009). Além disso, os contos autobiográficos do século XXI usam uma variedade de plataformas midiáticas, produzindo uma “rede própria” (Jolly 2012) que designa narrativas de performance que reverberam histórias experimentais, como nós de relacionalidade e intertextualidade que emergem organicamente na esfera pública. Consequentemente, autobiografias tornam-se complexas, indeterminadas, não lineares e flexíveis. Nesta visão, discuto que autobiografia muda de um gênero para um modelo de auto-organização com seus subtipos apresentando complexidade e hibridismo. Como uma consequência, o “eu” autobiográfico se torna uma entidade complexa.

Para ilustrar essa discussão, essa apresentação foca nas autobiografias de mulheres com distúrbios cerebrais, para as quais utilizarei o termo “neuroautobiografia”. Examinarei o caso de Jill Bolte Taylor¹, uma neurocientista que sobreviveu a um derrame quando era jovem. Ela narra e performa sua história através de diferentes formatos midiáticos, como uma autobiografia publicada e como um vídeo de TED Talk na internet. Estudo como a autobiografia se automodifica para uma categoria agente que se torna auto-organizada e interage com outros agentes e atores, isto é, humanos e objetos. Ademais, discuto interconectividade e intertextualidade como nós importantes na ecologia retórica que permitem que o agente autobiográfico se empenhe e aja/reaja de dentro para fora.

[Traduzido por Juliana Geizy Marques de Souza - julianamrqs0@gmail.com]

Andrea C. Valente is a PhD Candidate in Humanities at York University, writing her dissertation at the intersection of humanities and sciences by examining the vernacularization of neuroscience through autobiographies of women with brain disorders and internet advertising of brain wearables for healthy population. She holds an MA in Humanities (York) and Applied Linguistics (UFRJ). She has been a TA at York University since 2011, and for the past three years she has been involved in educational development as a Tutor at the Teaching Commons

IABAA 2017

(York), where she mainly mentors graduate students, designs and facilitates educational workshops.